

Aspectos do trabalho feminino nas estatísticas oficiais

Dolores Pereira Ribeiro Coutinho¹

A pesquisa objetiva uma reflexão sobre a categoria trabalho, entendida como categoria específica do ser social e se justifica pela contribuição às quase inexistentes investigações sobre o trabalho feminino, de mulheres chefes-de-família que vivem fora das grandes metrópoles brasileiras.

A distinção entre a atividade humana e a de outro animal está na concepção prévia à ação, na realização do trabalho partindo de elaboração racional, o que constitui atividade exclusivamente humana. A presença da consciência acaba por revelar a superação do instinto e a presença da cognição, distintivo humano.

O ser humano se caracteriza pela produção dos meios necessários a sua subsistência. A produção material e espiritual realiza-se na vida social, que proporciona aos seres humanos as relações necessárias à produção de valores, ideais, crenças, mitos. A fragmentação dos processos de trabalho e a redistribuição mundial do trabalho na atual fase do capitalismo são alguns momentos do movimento de metamorfose do trabalho nas sociedades contemporâneas, gerando enorme diversidade das formas de trabalho assalariado.

O trabalho feminino surge, acentuadamente, durante um período de reorganização econômica. Coincidindo com o programa de desenvolvimento do Brasil, que promoveu a ampliação da atividade industrial, está a inserção feminina na produção.

Se, no passado mais remoto as mulheres realizavam grande parte do trabalho dentro da família, como donas-de-casa ou serviçais; na periferia do latifúndio, a partir de certo momento, ainda no período colonial, passou a existir uma população pobre, formada por indivíduos livres, que prestavam serviços eventuais na propriedade. Na história brasileira, a participação feminina no setor industrial sofreu significativas alterações entre os censos de 1872 e 1970.

Contudo, a feminização de certos setores da economia, como é o caso dos serviços, constitui um fenômeno vigente nas sociedades dos últimos quarenta anos. A política econômica do pós-guerra foi acusada de ser a principal responsável pela inflação e falta de competitividade dos produtos nacionais nas economias periféricas. Uma nova orientação cujo objetivo consiste em promover a reinserção (subordinada) dessas economias no contexto internacional teve origem no Consenso de Washigton (1989), tendo sido implementada a partir de 1990, e terrivelmente aprofundada a partir de 1995. Este processo acelerou a progressão do amplo domínio do capital financeiro no país.

A queda das barreiras de proteção econômica nos países pobres favorece a importação indiscriminada de produtos, que suprimindo a produção nacional, reduzem as taxas de crescimento econômico e promovem o avanço nos níveis de desemprego.

¹ Doutora em Ciências Sociais e pesquisadora associada da Universidade Católica Dom Bosco. Endereço eletrônico: doloresribeiro@uol.com.br

A globalização é um processo politicamente conduzido, que atende aos interesses de governos e empresários por meio do estreitamento de laços comerciais com países de economia de menor projeção. Não pode ser vista como sinônimo de difusão da produção industrial e circulação financeira pelo mundo. Muito pelo contrário, o que se internacionaliza são processos industriais de refinada extração de mais-valia e proletarização, que além de não incluírem grandes contingentes de trabalhadores, utilizam o trabalho infantil, a exploração de mulheres, a exaustão do trabalhador em virtude da ampliação de sua jornada de trabalho (horas extras, mais de um trabalho ou emprego, maior intensidade do uso de sua força de trabalho) e a redução das proteções sociais refletidas nas garantias trabalhistas.

Neste cenário cresceu a presença do contingente feminino no mercado de trabalho, pela adoção de formas alternativas de produção, representadas pelo trabalho eventual, sub-contratado e desprovido de proteção legal. Na tentativa de conciliação das responsabilidades familiares e do trabalho remunerado, expandiu-se o trabalho realizado no próprio domicílio das trabalhadoras. O mercado aproveita-se das qualidades femininas, entre elas a submissão e a polivalência, nos níveis mais altos de qualificação, e a capacidade gerada na mulher pelo tipo de socialização recebido e pelas atribuições sociais a ela conferidas pela sociedade, ou seja, a de poder realizar múltiplas tarefas simultaneamente. Trata-se, assim, da trabalhadora multitarefa. A que, maior credibilidade atribuída às mulheres tem sido explorada para vender produtos bancários, dentre outros, e, até mesmo, para promover candidatas e candidatos nos processos eleitorais.

A pesquisa utilizou, além de bibliografia de especialista na análise do período 1970-2000, as estatísticas dos órgãos oficiais e trazendo o foco de análise para Campo Grande as estatísticas sobre desempenho do mercado de trabalho feita no município. Com isso, podemos identificar o tipo de inserção que as mulheres têm no referido mercado.

Os dados indicam um número reduzido de vagas oferecidas para mulheres nos setores primário e secundário da economia e um significativo contingente de vagas no setor terciário, no qual 42,2% do total de empregos oferecidos foram destinados ao comércio e serviços domésticos. O tipo de emprego ofertado caracteriza um predomínio do trabalho feminino em atividades de pouca ou nenhuma qualificação, atreladas, como no caso dos serviços domésticos, às atividades historicamente atribuídas às mulheres.

A forma de contratação da mão-de-obra feminina permitiria uma outra análise, por meio de uma incursão no terreno do empobrecimento da população que depende dessa fonte de rendimento, pois os empregos oferecidos para as mulheres são aqueles que pagam os menores salários.

Palavras-chave: Reestruturação; trabalho feminino; globalização.

Referências Bibliográficas

- BLASS, Leila M. da Silva. *Trabalho e suas metamorfoses*. São Paulo, 1998. (texto não publicado).
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BRESCIANI, Luís Paulo. *Flexibilidade e Reestruturação: O trabalho na encruzilhada*. In: *São Paulo em Perspectiva*. 11/1: 88-97, mar.1997.
- _____. *Mulher e trabalho: Uma avaliação da década da mulher (1975-1985)*. In: CARVALHO, Nanci Valadares (org.). *A condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1988.
- CABRAL, Paulo Eduardo. *Formação étnica e demográfica*. In: *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matríz, 1999.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã,
- FRANK, Andre Gunder. *Acumulação mundial 1492-1789*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.
- HIRATA, Helena. *Globalização, trabalho e tecnologias: Uma perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro, 1997. (texto não publicado).
- MADEIRA, Felícia. *População e reestruturação produtiva: novos elementos para projeções demográficas*. In: *São Paulo em perspectiva*, 10/2:3-8, jun.1996.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SINGER, Paul. *Globalização positiva e globalização negativa: a diferença é o Estado*. In: *Novos Estudos*. 48: 39-65. São Paulo: CEBRAP, jul./1997.